

**A INFÂNCIA COMO ALEGORIA: FINITUDE E ETERNIDADE**

ROCHELE ZANDAVALLI

**A**legoria em sua definição clássica é a personificação de uma ideia. Trata-se de uma figura de linguagem que está relacionada à semântica das imagens, funcionando como um meio de materializar ou dar forma às abstrações e aos conceitos que não são “palpáveis” ou mensuráveis. Desse modo, muitas vezes ao me apropriar dos retratos de crianças, busco evocar significados e sentidos que estejam relacionados dialeticamente à finitude e eternidade. Craig Owens, ao atualizar a discussão sobre o uso da alegoria no contemporâneo afirma que a maior característica da estratégia alegórica é a capacidade de resgatar do esquecimento histórico aquilo que ameaça desaparecer. Muitos artistas hoje trabalham a partir do procedimento de apropriação de imagens vindas de outros tempos e lugares. Como arqueólogos poéticos em busca de artefatos perdidos, fazemos uso de técnicas consideradas obsoletas e dos restos da nossa cultura que, seguindo a lógica capitalista, também é descartável. *A alegoria, primeiramente, emergiu em resposta a uma espécie de sentido de estranhamento da tradição; ao longo de sua história ela tem funcionado na fenda entre um presente e um passado que, sem uma reinterpretação alegórica, poderia ter permanecido excluído.* (Owens, 2004, p.113).

Percebo no uso do artifício e de procedimentos alegóricos um consolo que busca, a eternização de nossa imagem aparente, e que impede poeticamente o envelhecimento e morte de nosso sujeito biológico. Nesse sentido, segundo Walter Benjamin (1984), a estrutura alegórica é fundamentada no pensamento dialético. A busca por representar o conflito entre o sagrado e o profano, de uma ordem material em oposição a uma espiritual, forma a base funcional desse modo de expressão. Para ele a imagem dialética concentra numa imagem estática, imóvel, o dinamismo estruturante do pensamento. *Na alegoria, o mundo profano é, ao mesmo tempo, exaltado e desvalorizado. A alegoria se funda basicamente sobre a depreciação do mundo aparente.* (Pereira, 2007, p.50). Essa ligação entre o profano e o sagrado, o factual e o filosófico, o finito e o infinito, através da

estrutura alegórica é uma função da obra artística, que é criada para gerar uma reflexão poética sobre o estar no mundo e suas implicações filosóficas.



Rochele Zandavalli. Finito&Infinito. Da série Rever: retratos ressignificados. (2009-2012) Acervo MARGS.

Na produção elaborada durante meu Mestrado em Poéticas Visuais, na série *Rever: retratos ressignificados* (2009-2012), a alegorização surge através dos cruzamentos de temporalidades diversas e da sobreposição de formas ou comentários bordados sobre as imagens originais. As imagens - retratos fotográficos de anônimos, encontrados em briques, antiquários e fundos de gavetas, que datam do início até meados do século XX – possuem forte carga mnemônica, afetiva e até mesmo documental, mas agora, no contemporâneo, encontravam-se descartadas, e sofreram uma reconfiguração de significados após os deslocamentos e as intervenções feitas.

Muitas pessoas relatam perceber comentários irônicos através do uso direto da palavra ou através de jogos de sentido que produzo em meu trabalho. Owens comenta que a ironia também é uma variante do alegórico; pois o fato de as palavras poderem ser usadas para significar seus opostos é, em si mesmo, uma percepção alegórica. Nas mãos do alegorista a imagem torna-se outra coisa. *Ela não restaura um significado original que possa ter sido perdido ou obscurecido, mas ela anexa outro significado à imagem* (Owens, 2004, p.114). Foi neste sentido que busquei trabalhar os significados e afetos obscurecidos nos retratos perdidos coletados e apropriados por mim. Busquei substituí-los por novos afetos e lançá-los em busca de sua ressignificação. A criança é potencialmente encarada como alegoria do efêmero, explicitando a passagem do tempo e a finitude da vida, artificialmente eternizada através da imagem.



Rochele Zandavalli, E depois... da série Rever: retratos ressignificados (2009-2012).



Rochele Zandavalli. Eternity is real, da série Rever: retratos ressignificados, (2009-2012).

### Referências:

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OWENS, Craig. *O impulso alegórico: sobre uma teoria do pós-modernismo*. Revista do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ, 2004.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Barroco, Símbolo e Alegoria em Walter Benjamin. In: *Revista ANALECTA* Guarapuava, Paraná v.8 nº 2 p.47-54 jul./dez. 2007.

**SOBRE A AUTORA:** Rochele Zandavalli é Artista Visual, possui Mestrado em Poéticas Visuais pelo PPGAV do Instituto de Artes da UFRGS, e é graduada em Artes Visuais pelo mesmo Instituto. Professora nos cursos de Graduação Tecnológica em Fotografia, Realização Audiovisual, e Moda, na Unisinos – Universidade do vale do Rio dos Sinos, na Extensão do Núcleo de Fotografia da UFRGS, foi pesquisadora na área de Fotoquímica, no mesmo Núcleo. Também atua como professora na Fluxo – Escola de Fotografia Expandida.